

Preto no branco: as relações inter-raciais em *As horas nuas* e *O eco distante da tormenta*

Cíntia Schwantes

Edward Said, em *Orientalismos*, afirma que qualquer discurso sobre o Oriente é autoritativo, no sentido de que se apresenta como verdade unívoca e irrefutável. Uma das conseqüências desse tipo de discurso é que os muitos orientes são fundidos em uma entidade única e indivisível. Objeto desconhecido para o Ocidente, o Oriente precisa ser reduzido a uma dimensão cognoscível, portanto dominável e, por isso, o discurso sobre ele não pode deixar brechas por onde dúvidas e ambigüidades possam transitar. Essa mesma operação acontece na relação entre um sujeito (que se quer) dominante e um Outro dado: a produção de conhecimento sobre esse Outro nem sempre terá como parâmetro os termos do Outro, mas sim os termos do mesmo. Como conseqüência, teremos o preconceito erigido à condição de conhecimento. É o que acontece, por exemplo, nas relações inter-raciais dentro de um país dado, na forma do racismo, que pode se manifestar de diferentes maneiras.

Um dos méritos da literatura, e tanto maior quanto melhor ela for, é oferecer visões alternativas de mundo e, dessa forma, desafiar os saberes estabelecidos. Não é diferente com as questões étnicas. O objetivo deste ensaio é fazer uma leitura de dois romances, de uma autora brasileira e de uma autora inglesa nascida nas colônias (Lygia Fagundes Telles e Doris Lessing, respectivamente), cruzando as informações disponibilizadas no texto sobre os personagens negros e suas relações com os personagens brancos. Dessa forma, poderemos chegar a algumas conclusões sobre os modos como o racismo se manifesta em diferentes sociedades, e como a literatura trabalha esse dado.

Os romances analisados serão *As horas nuas* e *O eco distante da tormenta*. A questão das relações inter-raciais é crucial para Martha Quest, a protagonista de *O eco distante da tormenta*, de Doris Lessing. Martha é uma jovem vivendo os anos tumultuados do fim da guerra na então União da África do Sul, época da progressiva aprovação das leis que conduzirão

am, num futuro próximo, ao *apartheid*. Em *As horas nuas*, por outro lado, as relações inter-raciais ocorrem em dois níveis diferentes, de acordo com as ambíguas regras do preconceito étnico no Brasil.

A sociedade sul-africana é talvez a mais *sui generis* no mundo ocidental no que toca à questão do preconceito racial, uma vez que lá, em escala maior do que, mesmo, nos Estados Unidos, onde a constituição impõe alguns limites, ele foi elevado à condição de lei. Na África do Sul, a história recente do país parece contribuir para um acirramento das questões étnicas. Território disputado nas duas Guerras dos Boers, entre ingleses e africânderes, as disputas começam entre a população branca. Após a derrota dos ingleses na primeira guerra dos Boers (1880-1881), o partido Tori resolveu retomar as hostilidades quando foram descobertas jazidas de ouro e diamantes naquele território. A segunda Guerra dos Boers estendeu-se de 1899 a 1902 e estabeleceu o domínio inglês sobre a população africânder. Em 1910, foi fundada a União da África do Sul como domínio do Império Britânico, juntando as colônias do Cabo, de Natal, do Rio Orange e o Transvaal. A independência em relação à Grã Bretanha só aconteceria em 1961, quando o país recebeu o nome de República da África do Sul. Até 1906, houve uma tentativa de anglicizar a população pela imposição da educação obrigatória em inglês, mas como a medida suscitou muito ressentimento na população africânder, foi abandonada. Durante todo esse período, a população negra não teve direito ao voto.

Costuma-se atribuir ao governo africânder as leis do *apartheid*, mas, na verdade, elas começaram a ser aprovadas no parlamento do país desde a época do domínio inglês, a partir da fundação do Partido Sul-Africano, em 1910. *The Native Labor Regulation Act*, aprovado em 1911, declarava que o rompimento de um contrato de trabalho por um trabalhador negro era crime. Como o nome indica, essa lei não se aplicava à população branca, inglesa ou africânder. No mesmo ano foi aprovado *The Dutch Reformed Church Act*, que proibia aos negros tornarem-se membros dessa congregação. Talvez a mais nociva das leis aprovadas contra a população negra (que, aliás, não tinha direito ao voto) tenha sido a *Natives Land Act*, de 1913, que destinava à propriedade da população negra, então constituindo dois terços da população, 7,5% do território, enquanto 92,5% dele seriam destinados à propriedade da população branca, que então

constituía um quinto do total (os mestiços não tinham direito à propriedade, e outro grupo étnico minoritário era o dos hindus, sobre os quais pesava uma discriminação menos evidente). Em 1949, foram aprovadas as leis do passe, que obrigava qualquer trabalhador negro a portar um passe para transitar pela parte “branca” das cidades, e da proibição dos casamentos mistos.

Obviamente, o preconceito racial é aparente na União da África do Sul. Não há como negá-lo. No Brasil, a situação não é tão clara. Os primeiros intérpretes do Brasil, principalmente Gilberto Freire, estabeleceram a noção de uma democracia racial onde a boa índole do povo fazia com que as relações inter-raciais transcorressem em um clima de tolerância e boa vontade. Octavio Ianni, em entrevista a Alfredo Bosi, afirma que Freire via a escravidão, e as relações inter-raciais decorrentes dela, desde o ponto de vista da casa-grande, não do eito, o que explicaria sua interpretação tão suave dos efeitos da escravidão e do preconceito racial na sociedade brasileira. Mas não é apenas essa interpretação que contribui para baralhar nossa percepção do preconceito racial, ou de sua ausência, no tecido social. O Brasil possui uma das mobilidades sociais mais altas do mundo ocidental (embora possua também níveis de desigualdade entre os mais altos). O resultado é que alguns indivíduos transcendem não só sua origem de classe mas também, pela via da fama ou da riqueza, suas origens étnicas, o que lhes abre portas que em outras sociedades permaneceriam hermeticamente fechadas. Assim, costuma-se camuflar o preconceito racial no Brasil com o preconceito de classe (também presente).

A chamada Escola Paulista de Sociologia, fundada por Florestan Fernandes e da qual fizeram parte o próprio Ianni, Gabriel Cohn e Paul Singer, entre outros, começou a questionar essa visão e a levantar os dados dessa forma de exclusão no país. Segundo Ianni,

como é possível afirmar e reafirmar a democracia racial num país em que as experiências de democracia política são precárias e que a democracia social, se existe, é incipiente? Isso é minimamente uma contradição, um paradoxo num país oriundo da escravatura, autocrático, com ciclos de autoritarismo muito acentuados¹.

¹ Ianni, *O labirinto latino-americano*, p. 18.

A reflexão sobre a questão do preconceito no Brasil derivou de uma pesquisa encomendada pela UNESCO logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, que pretendia investigar a democracia racial brasileira como um possível modelo para os outros países. O que é compreensível, posto que o conhecimento do holocausto provocou um trauma, e era preciso acreditar na existência de um paraíso racial. No entanto, o que transpareceu da pesquisa efetuada pela Escola Paulista de Sociologia foi apenas um modo diferente de efetuar a discriminação. Na mesma entrevista, Ianni diz:

lembro-me de uma entrevista de um negro em Florianópolis que dizia em tom exaltado: “O problema do racismo no Brasil é que você não tem onde pegar”. É um preconceito alusivo, não explicitamente revelado. Ele aparece da maneira mais surpreendente...²

Os dois romances vão utilizar o dado do racismo e das relações entre personagens negras e brancas de formas diversas. A começar pelo fato de que *As horas nuas* conta com um número mais ou menos limitado de personagens, e apenas duas são negras. *O eco distante da tormenta*, por outro lado, é um romance panorâmico, com uma grande quantidade de personagens secundários e de fundo. Além disso, a narrativa do romance de Lessing é estritamente realista, enquanto o de Lygia, com seu gato narrador, trafega no fantástico. À parte essas diferenças de registro e extensão, em ambos os romances a negritude de algumas das personagens é carregada de sentidos.

A protagonista de *As horas nuas*, Rosa Ambrósio, uma atriz decadente, à beira dos 60 anos (ela jamais confessa sua idade exata), tem uma criada, Dionísia (por algum motivo, nome associado à classe proletária) e um secretário-amante muito mais jovem que ela, Diogo. O nome, não por acaso, tem ressonâncias da fidalguia portuguesa. A ação se passa em uma época não determinada, mas posterior a 1985. Esse foi o ano da criação da primeira Delegacia da Mulher, e é em uma dessas delegacias que uma das personagens, a feminista, psicóloga e presumivelmente virgem, Ananta, presta trabalho voluntário. Os outros personagens de alguma importância são Gregório, o marido de Rosa, um professor de esquerda

² Id., p. 19.

preso e torturado durante a ditadura. Em consequência de pancadas na cabeça, ele desenvolve mal de Parkinson e acaba por se suicidar. Cordélia, a filha que não precisa fazer nada na vida (é a única herdeira da fortuna de Rosa), o gato-narrador Rahul, a amiga Lili e personagens que só aparecem em retrospectiva, na memória das outras personagens: o pai e a mãe de Rosa, o pai e a mãe de Diogo, a tia rica, a prima infiel, o tio psiquiatra, sua esposa e seu filho, o primo Miguel, primeiro amor de Rosa Ambrósio. É uma galeria razoavelmente resumida. É significativo que, além dela, dois dos personagens, Dionísia e Diogo, sejam negros.

Dionísia tem um reinado desse mundo, a administração do apartamento de Rosa Ambrósio, e um reino do outro mundo, provido por sua fé. Na maior parte das cenas em que aparece, ela está ou se referindo a sua igreja (que nunca é nomeada) ou executando alguma tarefa doméstica. Dionísia canta no coro da igreja e Diogo, apreciador de jazz, diz que o registro da voz dela é contralto, e que ela faria sucesso cantando. Mas Dionísia só canta para se comunicar com o seu Deus. Por duas vezes no romance, ela comunica aos outros personagens qual é o santo do dia, informação recolhida em uma folhinha que ela tem pendurada em uma das paredes da cozinha, mas todos estão ocupados demais para prestar atenção e quem a ouve é somente o gato-narrador, Rahul. Ele é quem melhor define Dionísia, até por que é o único que a ouve quando ela fala, mas também por sua posição de integrado, mas ao mesmo tempo *outsider*, no universo do romance:

A Dionísia que me oferece leite teve outra vida antes? Que vida foi essa para retornar com a pele negra. E ainda por cima, mulher. Tão devotada a Deus a escrava pelo visto não é correspondida no seu amor, não sei o que isso significa nesse mundo, uma preta pobre. Feia...³.

Assim, Dionísia não “significa”, a não ser em relação a Rosa. Ela interpreta os sonhos da patroa, concorda ou discorda dela, e só tem vida pessoal em sua igreja – ou seja, uma vida que também é pública. Morto o marido poucos meses depois do casamento, Dionísia se devotou ao trabalho e, principalmente, à sua igreja. Ela se abstém de fazer julga-

³ Telles, *As horas nuas*, p. 111.

mentos sobre a conduta de Rosa e tem um estoque seguro de certezas que a amparam.

Certamente Dionísia corresponde a uma figura muito presente na ficção brasileira (a começar em outras obras da própria Lygia), a da empregada negra devotada que se dedica inteiramente à família à qual serve. Mas ela apresenta nuances em relação a esse cômodo modelo. Sua devoção à patroa não é tão inconteste; segundo a própria Rosa, a empregada a segue com atenção, não com devoção. Dionísia tem pontos de vista próprios, que externa sempre que perguntada. Claro que seus pontos de vista são ligados à sua crença (por exemplo, que ninguém escolhe a hora da morte, que seria determinada por Deus. Essa observação é feita a Rosa a respeito da morte de Gregório, que sabemos através de Rahul ter sido suicídio), mas por vezes conflitam abertamente com o que a patroa desejaria ouvir. Dionísia conquistou uma certa autoridade que lhe permite externar suas convicções, mesmo quando elas não são tão bem-vindas. Ela conquistou mesmo o direito de ser rabugenta com a patroa. Não é pequena conquista, se considerarmos que, desde o Romantismo, a literatura brasileira tem optado por representar o negro como dócil, submisso, filosoficamente resignado a seu destino de oprimido. Assim, o discurso melífluo de Rosa Ambrósio, que pergunta à empregada se ela é sua amiga, pode ser relativizado.

Diogo é um personagem mais complexo. A começar porque ele opera uma reversão de gênero; aqui, é o homem negro que é objeto de desejo, e Rosa declara que todos o tratavam com respeito, pois “a beleza exige respeito”. Não é tão incomum feminizar os indivíduos do sexo masculino que estão situados no pólo da alteridade, como nos lembra Said, e em parte é o que acontece com Diogo. Rosa o mima com presentes caros, tenta controlá-lo, como um amante rico faria em relação a uma amante inconstante. Mas ele conserva um certo grau de domínio na relação: não é condescendente com Rosa, coíbe seus abusos, de vestuário e de comportamento; ironiza-a, chama-a de Rosona; tem amantes. Diogo ocupa o pólo do masculino na relação com Rosa, o que, embora seja seu grande atrativo (a par com a beleza), gera tensões, as tensões que acabarão por levá-la a romper com ele, e que alimentam, ao longo da duração da relação, as brigas e discussões entre os amantes. Será isso por que Rosa, a

histórica, é uma mulher fálica? Ou porque Diogo extrapola o lugar de Outro que lhe compete? Talvez por ambos os motivos.

Mais jovem do que a amante, solar, dotado de grande alegria de viver, Diogo seria um típico *latin lover*. Até suas idéias de esquerda, pelo contraste com Gregório, que realmente as viveu e pagou um preço por isso, parecem mais charme do que qualquer outra coisa. No entanto, ele realmente se envolve com Rosa, e, segundo ela, fiel em suas infidelidades, ele a amou e apoiou. Assim, Diogo também não cabe em uma imagem estereotipada do amante negro – nem passional nem cafajeste, ele oferece um modelo outro de personagem negro.

Em uma das discussões entre os amantes, Rosa o chama de “pequeno negróide”, ao que ele responde afirmando ter quase dois metros de altura e ser descendente de cepas européias por ambos os lados (mais tarde, ficamos sabendo que o pai sempre desconfiara que ele não fosse seu filho, dada a natureza leviana da mãe, que, por fim, abandona o marido e o filho pequeno para viver com um amante), e põe em questão a brancura da amante. Ela, por sua vez, responde defensivamente, declarando-se “branca pura”. Esse tipo de diálogo jamais poderia acontecer entre personagens de um romance passado na África do Sul, onde eles sabem perfeitamente qual é o seu lugar na sociedade de acordo com a cor de sua pele. Logo nas primeiras cenas do romance, o grupo de Martha se reúne no parque público e Jackie Bolton faz menção de sentar-se em um dos bancos, recuando irritado ao defrontar-se com a inscrição “Só para europeus”. Isso dá uma idéia da ordem social vigente na então União da África do Sul.

O eco distante da tormenta é o terceiro de uma série, *Filhos da violência*, que se configura como um romance de formação. Aqui se dará a formação política de Martha, a protagonista, uma jovem mulher que abandonara o marido e a filha para perseguir seus ideais, filiando-se ao Partido Comunista. Nesse romance, a negritude de alguns personagens é geradora de tensões e de sentidos, uma vez que os membros do Partido lutam contra a exploração e o preconceito que atingem, em cheio, a população negra.

A ação se passa durante a Segunda Guerra Mundial, e podemos apreendê-lo porque há uma unidade da RAF baseada na cidade. Pode-

mos imaginar que seja durante o final da guerra porque Blinkie, um dos personagens, está combatendo na Itália. Nessa época, os membros dos Partidos Comunistas em diversos países contavam com alguma simpatia em virtude do fato de que a URSS era aliada na luta contra o Eixo. Muita propaganda do regime socialista e do governo russo transitou nesse esforço de guerra, e é nesse espaço incerto e móvel que o grupo de Martha atua. O grupo se reúne, delibera sobre suas ações, funciona como um grupo de estudos e procura ampliar os conhecimentos da população sobre “os nossos aliados russos” dentro do espírito do esforço de guerra. No entanto, mesmo esse espaço tinha limites, e um dos limites evidentes, na União da África do Sul, era o fato de que os “vermelhos” se posicionavam contras as leis que feriam a população negra e contra os preconceitos de raça. Por isso mesmo, o grupo tinha regras de conduta rígidas, como evitar envolvimento sentimentais com membros da população negra. Essas regras, no entanto, necessárias como eram, causavam um certo mal-estar, porque, de certa forma, o grupo estava aderindo às leis não escritas do *apartheid* e mantendo o *status quo*. Mas essa não é a única contradição em se defender idéias de esquerda em um país periférico.

Como todos os grupos de esquerda, o de Martha faz alianças circunstanciais com seus inimigos de ontem (por exemplo, o grupo trotskista) ou com o Partido Trabalhista, visto como pelego (e que, por sua vez, também usa o grupo comunista como um aliado circunstancial em tarefas determinadas). É apenas previsível que as disputas internas do próprio grupo levam-no a desperdiçar alianças preciosas, perder oportunidades de ação efetiva e no fim dissolver-se. As questões étnicas serão parte desse movimento autofágico operado pelo grupo. Assim, no momento em que os membros do grupo impõem a Anton, o dirigente, uma ampliação de seus membros, uma das pessoas que passa a freqüentar as reuniões é Elias Phiri, o intérprete do governo. É significativo o fato de que Phiri é bilíngüe e transita entre os dois mundos, o branco e o negro, o oficial e o marginal. Todos os membros do grupo recebem-no com um afeto que raia o sentimentalismo, afinal, como todos sentem, é por causa do povo dele que o grupo luta.

Uma das passagens que melhor articula questões de classe e de etnia no romance é a noite em que, após uma reunião do grupo, e tendo sido

rejeitado em seus pedidos de casamento, sucessivamente, por Jasmine e por Martha, Jimmy, frustrado, resolve sair do acampamento da RAF e ir ao bairro negro. Jimmy é um proletário que não teve, como Jackie Bolton, outro dos homens da RAF, o benefício de uma educação formal, e, além disso, não parece muito estável emocionalmente (como provam os dois pedidos de casamento, e sua reação de zanga diante das recusas, atribuindo-as ao fato de as jovens serem ambas burguesas viciosas que usam batom e esmalte). Jimmy sai do acampamento e vai caminhando, apesar de seu desconforto de pessoa nascida e criada na periferia de uma grande cidade diante da savana, e à noite, até chegar ao bairro negro. Ele conhecia o bairro bastante bem porque ajudava Martha a vender o jornal do partido, o *Cão de guarda*, lá. Aliás, esse era um dos pontos de disputa nas reuniões do partido, com Anton afirmando que Martha perdia um tempo demasiado longo naquela atividade porque acabava agindo como assistente social, o que não era sua atribuição. Compreensivelmente, Martha retrucava que era impossível entrar em contato com necessidades tão gritantes, e tamanho abandono, sem se envolver. Ao chegar ao bairro negro, Jimmy sai batendo nas portas dos cômodos do cortiço, mas ninguém ousa abrir, até que um grupo de rapazes negros o recebe:

O quarto... era baixo, teto e paredes caiados de branco, mas manchados. O chão era de tijolos vermelhos, ásperos. Meia dúzia de rapazes sentava-se no chão, encostados nas paredes. Tinham gaitas de boca, um banjo, uma guitarra, e um tantã em estilo nativo. Um jovem sentava-se na única cadeira existente. Tinha um jogo de tambores, velhos e gastos, mas tambores de verdade, e batia neles suavemente, observando Jimmy; outro tinha um trompete e o acariciava, tocando-o em silêncio. Às vezes erguia-o para tirar uma longa e doce nota musical. Mas era aguda demais para ser tocada em segurança. Jimmy ficou ali parado, sorrindo, sentindo-se aquecido porque a porta se abria e o deixara entrar, e olhou enquanto os rapazes sorriam para ele, com seus dentes alvos nos rostos negros e lustrosos e continuavam a tocar, baixinho, baixinho, apenas um sopro de música, porque era muito tarde, muito depois da hora que o regulamento mandava apagar as luzes, acabar com a música, era hora de dormir para poder descansar e trabalhar para o homem branco na manhã seguinte⁴.

⁴ Lessing, *O eco distante da tormenta*.

O enlevo, no entanto, dura pouco. Quando a música acaba, torna-se necessário que Jimmy fale, e ele pretexta querer falar com Elias Phiri. Os rapazes, que sabem melhor do que Jimmy quem é o tradutor do governo, se dispersam, deixando-o perplexo com a constatação de que eles estavam com medo dele. Após algumas andanças erráticas pelo cortiço, deparando-se sempre com a mesma reação, e mesmo em pessoas que ele conhecia das incursões para a venda do jornal, ele chega à casa de Phiri no meio da madrugada. O intérprete se recusa abrir-lhe a porta, e, após dispensar Jimmy e confabular com sua mulher, vai, ainda antes do amanhecer, contar ao juiz Maynard, um dos bastiões do conservadorismo na cidade, e que utilizava os serviços de espião de Elias e de mais alguns funcionários do Fórum, que os “vermelhos” estavam insuflando os cafres a fazerem a revolução, em plena madrugada. O juiz percebe que há mais medo do que risco real nas palavras de Phiri, e o dispensa.

As conseqüências da incursão de Jimmy, no entanto, não acabam aí. Na próxima reunião do grupo, Phiri comparece bêbado, balbucia um longo discurso sobre como os cafres são incivilizados, selvagens, despreparados para o convívio social, e retira-se do grupo. Apesar dos esforços para que ele volte, ele permanece irredutível, e a conclusão do grupo é a de que ele ainda não estava maduro.

As reações de Phiri são o avesso da visão romantizada que os “vermelhos” tem dos negros, mas bastante lógica. Atuar como um espião para o juiz Maynard lhe garantia algum conforto, mas, acima de tudo, segurança. E a posterior dispersão do grupo, os homens da RAF sendo transferidos para outros postos, as moças casando-se, outros membros retirando-se por questões de segurança ou de dissidências internas, dá a ele alguma razão. Se a corda rebenta sempre do lado mais fraco, um grupo estruturado pouca proteção poderia lhe oferecer, e uma vez disperso, o deixaria em uma situação de risco. Assim, ele faz aquilo que está dentro de suas possibilidades, equilibrando-se como pode entre dois mundos. A narradora heterodiegética não lhe imputa nenhuma fraqueza de caráter inerente a sua etnia, mas desnuda as engrenagens de opressão que fazem dele o que ele é.

Por fim, um dos principais pontos de discordância entre os membros do grupo refere-se, claro, a questões de poder no interior do próprio grupo, mas revolve ao redor das questões étnicas. Embora os “vermelhos” não

escondam sua posição diante delas, declamá-las publicamente nem sempre é de boa prudência. Assim, quando Anton convoca uma reunião de grupo de última hora e encarrega Martha e Jasmine de buscarem Piet du Preez, um sindicalista africânder que tenta manter uma aparência o mais possível neutra nas questões raciais, para atrair a confiança de outros sindicalistas brancos, o fato de duas notórias comunistas procurarem por ele tira-lhe muito da credibilidade. Isso eventualmente será a causa de sua retirada do grupo – e provavelmente a intenção oculta de Anton, em primeiro lugar: ele prefere que o grupo se desfaça a que escape de seu controle. E as alianças, com o Partido Trabalhista, por exemplo, que vieram na esteira da participação do casal Du Preez, diminuem sua zona de influência. Assim, o grupo se dispersa, e o romance termina melancolicamente, depois da exaltação causada pela ação conjunta com o Partido Trabalhista, que ficou conhecida como “a reunião na aldeia”.

Um dos objetivos da Sra Van, a matriarca que controla o Partido Trabalhista, é criar uma seção africana nos sindicatos. Isso porque simplesmente abrir os sindicatos para a participação dos negros seria ineficaz: a resistência dos brancos, aliada ao temor dos negros, impediria essa participação. Por isso, embora parecesse discriminatória, a criação da Liga Africana era a maneira mais eficaz de assegurá-la. É evidente que a ala direita do partido, argumentando que esse procedimento era discriminatório, procura barrá-lo. Eventualmente, ele acaba sendo votado e aceito, com a ajuda do grupo. Entrementes, a Sra. Van organiza uma reunião na aldeia negra a poucos quilômetros da cidade, que é um sucesso no sentido de que mobiliza intensamente a população negra, uma vez que é primeira vez que brancos vão à aldeia levando conselhos e ajuda (ela distribui panfletos sobre organização sindical, higiene e outros assuntos práticos, e impede os comunistas de levarem propaganda soviética, aliás, muito sensatamente). Essa reunião é exatamente aquilo que Martha esperava que sua ação resultasse, mas só aconteceu em virtude da aliança com o Partido Trabalhista. E, de certa forma, foi responsável pela desintegração do grupo. Assim, as questões de princípios são, até mesmo em um pequeno grupo em que se supõe que todos os membros estejam engajados em uma causa comum, atreladas a outras questões menos desinteressadas.

Para concluir, podemos dizer que o Brasil tem formas de preconceito mais veladas, mas que transparecem até mesmo na briga entre amantes que Rosa tem com Diogo. Mas não há a supressão legal de direitos civis da população negra. Apesar disso, temos uma modalidade de *apartheid*, o *apartheid* social. Os indicadores de qualidade de vida – anos de escolaridade, expectativa de vida, mortalidade infantil – são sempre mais desfavoráveis quando se considera a população negra do país. A África do Sul, por outro lado, talvez seja o exemplo mais aberto e assumido de preconceito racial. Necessariamente, essas duas vivências do preconceito teriam que engendrar representações literárias distintas. Assim, o alusivo racismo brasileiro pode ser explicitado por um gato-narrador reencarnado que mistura os comentários sobre sua vida atual com memórias de vidas passadas, ao passo que a muito explícita situação da União da África do Sul clama por uma narradora realista em um romance panorâmico. Não são apenas os anos transcorridos entre a publicação dos dois romances que propiciam as diferenças formais entre eles, mas, e principalmente, a matéria narrada, que demanda sua forma.

Referências

- GORDIMER, Nadine. *O gesto essencial*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- IANNI, Octavio. *O labirinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. “Octavio Ianni: o preconceito racial no Brasil”. *Estudos avançados*, vol. 18, nº. 50. São Paulo, 2004, pp. 6-20.
- LESSING, Doris. *O eco distante da tormenta*. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- _____. *Debaixo da minha pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SAID, Edward. *Orientalismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

Recebido em agosto de 2006.

Aprovado em setembro de 2006.